

Artigo

Bairro rural/bairro urbano: uma revisão conceitual

Bruno Maia Halley

Universidade Federal Fluminense

p. 577– 593

revista

Geo 

USP

espaço e tempo

Volume 18, nº 3 (2014)

ISSN 2179-0892

Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/82793>

Como citar:

HALLEY, B. M. Bairro rural/bairro urbano: uma revisão conceitual. *GEOUSP – Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 577-593, 2014.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 3.0 License.

Bairro rural/bairro urbano: uma revisão conceitual

Resumo

O texto faz uma revisão conceitual do termo *bairro* desde seus estudos iniciais, centrados no espaço rural, passando por leituras posteriores, já no contexto urbano. No Brasil, as primeiras análises, fossem da sociologia ou da geografia, assentavam-se na ideia de “bairros caipiras” do interior paulista, que, em meados do século XX, se desdobraram em análises de células urbanas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Depois desses estudos tradicionais e de um hiato de trabalhos sobre o bairro (1958-1982), surge em, 1980-90, uma nova série de estudos, apoiados especialmente em duas vertentes teóricas da geografia: a *humanista-cultural* e a *marxista-lefebvreana*. É nessas duas perspectivas que se o presente texto.

Palavras-chave: Bairro rural-urbano. Geografia. Sociologia.

Rural neighborhood-urban neighborhood: a conceptual review

Abstract

The text aims to present a conceptual review of the neighborhood term since his initial studies focused on rural areas, passing by later reading within the urban context. In Brazil, the first analyzes, both in Sociology and in Geography, were based on the concept of “neighborhoods hillbillies” in the countryside of the state of São Paulo, that after unfolded in the last century, in analyzes of urban cells in Rio de Janeiro and in Sao Paulo. After these traditional studies, and a hiatus of work about the neighbourhood (1958-1982), has the advent in 1980/90, a new series of studies, they supported, especially in two theoretical strands of geography: a humanistic-cultural and marxist-lefebvrean. It is therefore through these different perspectives that the text supports its conceptual revisiting about the neighborhood.

Keywords: Neighborhood rural-urban. Geography. Sociology.

Notas iniciais

O texto apresentado tem como propósito revisitar o termo bairro nos variados contextos de suas conceituações esboçadas em estudos desenvolvidos no Brasil ao longo do século XX e início deste, tanto na geografia como na sociologia, afora em análises de maior alcance realizadas nos últimos decênios em outras áreas do conhecimento, como a Antropologia e o Urbanismo. Inicialmente revisita-se o bairro no espaço rural à luz de análises de mestres da sociologia e geografia, para em seguida, se resgatar outros estudos clássicos centrados na análise de células urbanas, que foram elaborados ainda no ano de 1958 pelos geógrafos Renato Silveira Mendes e Maria Therezinha Segadas Soares, a propósito das unidades existentes nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, respectivamente.

Outrossim, após o hiato de estudos sobre o bairro no Brasil (1958 a 1982), são revisitados trabalhos elaborados nos últimos decênios do século XX, que marcam um novo momento de sua leitura dentro do contexto da metropolização, e em cujo processo emana uma série de pesquisas nas universidades brasileiras assentadas na complexidade do espaço urbano, e de suas diferentes localidades, os bairros. Por fim apreende-se estes estudos nos últimos vinte anos, centrados, especialmente sob duas vertentes teórico-metodológicas, do atual quadro de pluralidade temática do pensamento geográfico nacional: a humanista-cultural, e a marxista-lefebvrea.

Embora essas vertentes do bairro tenham diferentes matizes de interpretação, há que ressaltar que, de modo geral, ambas consideram o bairro um lugar de vivência imbuído de características marcantes herdadas de sua trama particular, sendo eleito e demarcado territorialmente pelo sentimento coletivo dos seus moradores. Essa personalidade do bairro é revista no presente trabalho, tomando sempre como ponto de partida o universo vívido da unidade espacial ora revisitada em suas conceituações.

O bairro rural na sociologia e geografia: revistando conceituações

Derivada do latim *barrium* ou do árabe *bárri*, a palavra *bairro* tem um uso comum em todo o Brasil e sói figurar nos dicionários da língua portuguesa¹ em dois verbetes: o primeiro relativo a cada uma das partes principais em que se localiza a população de uma cidade ou vila, e o segundo, a aspectos interioranos do pequeno povoado, arrabalde ou arraial, este encontrado nos aglomerados rurais situados no interior do estado de Minas Gerais.

A associação do termo com a dimensão rural suscitou uma série de estudos pioneiros sobre esta unidade de povoamento no Brasil. Até os anos 1970, autores oriundos tanto da geografia quanto da sociologia tomaram como foco de análise os bairros “caipiras” (Quadro I), percebendo-os como organizações rurais dispersas, estruturadas por grupos de vizinhança, e marcadas por uma consciência coletiva de pertencimento, emanada na convivência diária do homem do campo com seus parentes, vizinhos e parceiros.

Com efeito, em *Os parceiros do Rio Bonito*, o sociólogo Antonio Candido Sousa (1964, p. 44) ao discorrer sobre o povoamento da zona rural de São Paulo, define o bairro tradicional como uma estrutura basilar da “sociabilidade caipira, consistindo no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas”.

¹ A título de exemplo, ver Ferreira (1977) ou José de Souza (1961).

No dizer de Sousa (1964), a fisionomia do bairro resulta sobretudo desse sentimento de pertencimento existente nos seus moradores, cuja formação se processa através do intercâmbio entre as famílias e o povoado, construindo um sentido comum de pátria, de terra querida no local de moradia. Neste caso, portanto, o bairro representa uma unidade social impregnada de identidade, valores e diferenciação, onde os

[...] membros, estando à frente de empreendimentos rurais de que guardam responsabilidade, desenvolvem entre si relações de ajuda mútua, e conservam relações de vizinhança que se concretizam na participação, em nível igualitário, das atividades cotidianas e festivas do grupo de localidade (Queiroz, 1973, p. 49).²

A esse respeito, Schmidt (1951, p. 15) mostra que, até certo ponto, os limites de determinado bairro se confundem com os limites fisiográficos do espaço, pois o bairro “é um lugar, uma área qualquer, com características mais ou menos próprias”, podendo ser “um vale, uma cabeceira ou nascente de algum ribeirão, uma praia [...]. É o povo que lhe dá o nome e determina, com limites mais ou menos imprecisos, a área abrangida pelo mesmo”.

Seguindo essa trilha sociológica, os geógrafos brasileiros inicialmente estudaram os bairros a partir de agrupamentos rurais encontrados no estado de São Paulo. Concentrando suas análises na forma de dispersão das habitações, nos aspectos concernentes ao uso do solo e na relação do lugar com o espaço circundante. Assim, não por acaso, nos estudos clássicos de Alice Cannabrava (1941) e de Nilo Bernardes (1958), percebe-se a descrição do bairro mais relacionada à distribuição espacial das moradias, sendo designado como um tipo de “habitat” disperso, ainda que por vezes revele tendências para uma aglutinação.

Em outros trabalhos, contudo, encontram-se conceituações não ligadas propriamente à dispersão rural, mas dando ênfase à existência de unidades territoriais, mais ou menos amplas, definidas em função da presença de determinados contatos sociais estabelecidos entre a população residente. É o caso do trabalho *A região de São Luiz do Paraitinga*, de Pasquale Petrone (1959), e também da análise de Nice Lecocq-Müller (1946), uma das primeiras teses em geografia no Brasil que conceitua o bairro rural como uma célula de comunidade social não morfológica, formada por habitações dispersas suficientemente próximas:

[...] onde existem certos tipos de relações sociais a lhe dar corpo: laços de parentesco ou de vizinhança, reforçados frequentemente pela existência de uma venda, capela ou escola cujo raio de ação marca comumente os limites do bairro (Lecocq-Müller, 1946, p. 42).³

2 Para a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973, p. 4), caracterizam um bairro rural: “Configuração intermediária entre a família, de um lado, e de outro o arraial, ou a vila, ou a cidadezinha, o bairro apresentava as formas mais elementares de sociabilidade da vida rústica, que se alargavam em diferentes graus a partir dele, na seguinte escala: a) relações familiares; b) relações de vizinhanças; c) relações dos bairros entre si; d) relações com a região; e) relações com o exterior (isto é, com tudo que ultrapasse a região)”.

3 Sobre suas designações, Lecocq-Müller (1946, p. 142) salienta que “os nomes dos bairros indicam até certo ponto sua origem ou o fator mais importante de coesão social entre seus habitantes, como a capela. Embora muitos ostentem nomes que derivam de um acidente geográfico, como “bairro do Guaxindiva”, “bairro da Matinada”, “bairro do rio do Braço” etc., outros indicam claramente sua origem familiar, ligada à subdivisão da terra por herança. Temos assim o “bairro dos Amaraes”, o “bairro dos Gonçalves”, o “bairro dos Neves”, o “bairro dos Melos”, o “bairro dos França” e muitos outros. Não menos numerosos são os que emprestam seu nome do santo sob cuja invocação foi construída a capela, tais como o “bairro de Cruzeiro de Santa Bárbara”, “bairro de Santa Rita”, “bairro de Santa Cruz”, “bairro de

Quadro 1

Principais estudos sobre bairros rurais no Brasil (1941-1979)

ano	autor	trabalho	área de conhecimento
1941	Alice Piffer Canabrava	Primeiras notas para um estudo acerca de bairros no estado de São Paulo	geografia
1946	Nice Lecocq-Müller	Tipos de sítiantes em algumas regiões do estado de São Paulo	geografia
1951	Carlos Borges Schmidt	A vida rural no Brasil: a área de Paraitinga, uma amostra representativa	sociologia
1958	Nilo Bernardes	Vale do Paraíba, serra da Mantiqueira e arredores de São Paulo	geografia
1959	Pasquale Petrone	A região de São Luis do Paraitinga	geografia
1964	Antonio Candido Sousa	Os parceiros do Rio Bonito	sociologia
1966	Nice Lecocq-Müller	Bairros rurais no município de Piracicaba	geografia
1967	Maria Isaura P. de Queiroz	Bairros rurais paulistas	sociologia
1971	Liliana Laganá Fernandes	O bairro rural dos Pires (dissertação)	geografia
1972	Liliana Laganá Fernandes	Bairros rurais no município de Limeira: estudo geográfico (tese)	geografia
1973	Adyr A. B. Rodrigues	O bairro do Tanque – Atibaia (SP): um exemplo da contribuição da colonização japonesa para a evolução do meio rural paulista	geografia
1973	Maria Isaura P. de Queiroz	Bairros rurais paulistas: dinâmica das relações bairro rural-cidade	sociologia
1979	Ruth Lauras Biajoti	Uma vila paulistana: Vila Palmeira	geografia

fonte: Pesquisa direta.

organização: Bruno Maia Halley.

Anos após as considerações levantadas por Lecocq-Müller e Petrone, Liliana Laganá Fernandes (1972), ao discorrer sobre a colonização japonesa no meio rural paulista, igualmente identifica o bairro como uma designação genérica de limites nem sempre precisos, geralmente definidos em função de um sentimento de localidade, não raro reforçado pela presença de algum elemento social de coesão.

Observa-se, portanto, que os conceitos esboçados por geógrafos e sociólogos sobre a realidade bairro, apresentavam certa uniformidade de compreensão no tocante ao sentimento de pertencimento dos habitantes com o local de moradia. Desde os primeiros estudos, o bairro é definido como um espaço vivido e sentido pelos seus moradores em sintomáticas e variadas

Santa Lúcia”, “bairro da Aparecida”.

relações interpessoais, normalmente exercitadas nos pontos de encontro mais significativos da população (igreja, praça, escola etc.). E ainda, um grupo de vizinhança disperso, portador de características marcantes, e, por conseguinte, reveladoras de uma identidade particular aceita por aqueles que ali vivem.

Essa identidade do bairro também fora evidenciada, pelo menos em suas grandes linhas, nos primeiros estudos das células urbanas. Entretanto, os interesses da geografia clássica impossibilitaram a construção de um ambiente intelectual favorável ao estudo do bairro num nível analítico satisfatório quanto à natureza e ao papel social dessa realidade. Por conseguinte, independente de seus contextos culturais distintos, as pesquisas urbanas acabaram por adotar a mesma direção dos estudos agrários, entendendo o bairro novamente como uma designação genérica, marcado por uma “alma própria” decorrente do senso comum dos habitantes, associado à relação do meio físico com a evolução da ocupação humana. Logo, tratava-se de uma leitura de método ideográfico (aplicado às monografias regionais), onde o bairro corresponde à realidade apreendida.

O bairro na perspectiva da cidade

As discussões de Renato Silveira Mendes e Maria Terezinha Segadas Soares sobre o bairro concentram-se nessa escola tradicional da geografia (notadamente a francesa, da qual a brasileira é tributária). A propósito, entendendo o bairro como local de originalidade própria, o primeiro analisou os bairros das zonas norte, sul, orientais e ocidentais da cidade de São Paulo. Por sua vez, Soares discorreu a respeito de alguns bairros cariocas a partir da coexistência de uma série de elementos (sítio, conteúdo social, paisagem urbana e função) que os singularizavam em meio a outros da mesma cidade. Assim, para Mendes (1958, p. 185) “o bairro possui determinadas características muito próprias que, com o passar do tempo, se reforçam e acabam por individualizá-lo de maneira inconfundível, tanto para os que o habitam como no conceito geral da população cidadina”.⁴

Seguindo na mesma direção, acrescenta Soares (1958, p. 47/48), que “a noção de bairro é uma noção de origem popular”, sendo, portanto “muita mais geográfica, mais rica e mais concreta. Ela se baseia num sentimento coletivo dos habitantes, que têm a consciência de morarem em tal ou qual bairro”. Essa noção defendida por ambos os autores, baseia-se na concepção da geografia francesa da época, que entendia o bairro como “uma categoria espacial de difícil definição. [...] Visto como uma individualidade determinada muito pelo ‘sentimento coletivo’ dos moradores de que pela ação do Estado” (Sorre apud Martin, 1984, p. 53).⁵

4 O autor antecipa que, “na maioria dos casos, o que a lei reconhece como subdistrito não corresponde ao que a população reconhece como bairro, embora o nome possa ser o mesmo” (Mendes, 1958, p. 185).

5 Na sua dissertação de mestrado, Barros (2004) retoma essa questão dual do conceito de bairro ao discutir a existência objetiva e subjetiva da unidade na cidade do Recife.

Às publicações de Mendes e Soares, seguiram-se mais de duas décadas sem trabalhos a propósito do bairro, só sendo retomados efetivamente a partir dos anos 1980, à luz da renovação do pensamento geográfico nacional. Certamente, nesse intervalo, a falta de interesse da geografia com os estudos sobre o bairro estava condicionada ao advento da abordagem neopositivista. Sob essa perspectiva, a cidade passou a ser entendida como um sistema, passível de ter seu planejamento, e os processos que o engendra, apreendidos por modelos. Nessas condições, o bairro acaba sendo pouco ou nada discutido, posto que essa perspectiva quantitativa interessava-se mais pela correlação de dados estatísticos, teorias econômicas neoclássicas e aplicação de modelos na análise do uso de solo dentro da cidade. O bairro, portanto, se enquadrava nestes padrões, e não na sua condição intraurbana.

Destarte, ao longo desse período de ausência de estudos sobre o bairro (1958-1982), encontram-se apenas algumas alusões à unidade urbana, sobretudo nas grandes obras de sistematização teórica em geografia urbana, a exemplo do estudo clássico de Pierre George publicado originalmente em 1961 (George, 1983). Registra-se como marcos simbólicos desse recorte temporal, os dois estudos realizados por Soares e Mendes em 1958, e a retomada com o trabalho de Armando Corrêa da Silva, em 1982, sobre o bairro da Consolação na capital paulista. Aí o autor, partindo da análise de São Paulo como metrópole já no final do século XIX, define o bairro em geral como:

[...] o lugar da vida comunitária e do poder local. Quer sua origem seja um aglomerado rural, o loteamento urbano, ou o apêndice residencial da atividade industrial ou portuária, ele se define como um conjunto restrito de edificações, mais ou menos densas, que se organizam juntamente a certo número de serviços públicos e privados a ele relacionados. Nesse sentido, ele possui um significado geral válido para situações diversas (Silva, 1982, p. 348).

Essa concepção de Silva assenta-se na emergência de uma abordagem crítica na geografia, onde o urbano passa a ser entendido como a produção social das formas espaciais. Ademais, inserida no contexto de discussão sobre o sistema capitalista na sociedade, e, doravante, do maior engajamento político da ciência, essa perspectiva crítica acaba por conceber o bairro como resultado de processos de segregação, estes caracterizados pela criação de áreas homogêneas no contexto das lutas de classes e da atuação do Estado.

Contudo, no transcorrer deste mesmo período, alguns escritos desenvolvidos por outros profissionais emergem na literatura científica trazendo no seu bojo um expressivo arcabouço teórico-metodológico sobre o bairro face ao imaginário coletivo da cidade (Quadro 2). Aplicando técnicas relativas à cartografia cognitiva, antropólogos e urbanistas se propuseram a analisar o subconsciente dos cidadãos no local de moradia, apoiando-se num esforço de operacionalização dos significados através da feitura e aplicação de entrevistas, questionários e mapas mentais.

Quadro 2

Alguns estudos sobre bairro urbano (1958-1989)

ano	autor	trabalho	área de conhecimento
1958	Renato Silveira Mendes	Os bairros da zona norte e os bairros orientais	geografia
1958	Maria Therezinha S. Soares	O conceito de bairro e sua exemplificação na cidade do Rio de Janeiro (<i>Boletim Carioca de Geografia</i>)	geografia
1960	Kevin Lynch	A imagem da cidade	urbanismo
1973	Gilberto Velho	A utopia urbana	antropologia
1982	Armando Corrêa da Silva	A metrópole ampliada e o bairro metropolitano, o caso de São Paulo: o bairro da Consolação (livre-docência – USP)	geografia
1985	Carlos Nelson F. dos Santos	Quando a rua vira casa	urbanismo
1988	Marcelo Lopes de Souza	O que pode o ativismo de bairro: reflexão sobre as limitações e potencialidades do ativismo de bairro à luz de um pensamento autonomista (mestrado – UFRJ)	geografia
1988	Francisco Capuano Scarlato	O real e o imaginário no Bexiga: autofagia e renovação urbana no bairro (doutorado – USP)	geografia
1989	Marcelo Lopes de Souza	O bairro contemporâneo: ensaios e abordagem política (<i>Revista Brasileira de Geografia</i>)	geografia

fonte: Pesquisa direta.

organização: Bruno Maia Halley.

Nesse sentido, sobre as preposições teóricas, o nome mais emblemático é o de Kevin Lynch. Pioneiro no resgate da dimensão subjetiva, no livro *A imagem da cidade*, publicado inicialmente na década de 1960, o urbanista influenciou estudiosos de diversas áreas do conhecimento, inclusive geógrafos, investigando a cidade a partir de imagens mentais que os habitantes fazem de seu espaço e de suas diversas partes componentes. Em tal contexto, Lynch (2001) desmembra essas imagens/identidades em cinco categorias principais (vias, limites, bairros, pontos nodais, e marcos), entendendo-as como lugares sobrepostos uns aos outros, comumente singularizados por uma determinada vivência, ou por um específico *design* urbano. Os bairros, por exemplo, são descritos pelo urbanista como espaços médios ou grandes de uma cidade, sendo concebidos como dotados de extensão

bidimensional, uma vez que “o observador neles ‘penetra’ mentalmente, e eles são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam. Sempre identificáveis a partir do lado interno, são também usados para referência externa quando visíveis de fora”, complementa Lynch (2001, p. 52).

Em seguida, tomando como foco de análise as entrevistas realizadas nos bairros de metrópoles estadunidenses (Boston, Jersey City e Los Angeles), o autor representa as unidades urbanas como elementos básicos da imagem da cidade, com características físicas próprias determinadas por continuidades temáticas expressas numa infinita variedade de componentes, como textura, espaço, símbolo, topografia, tipo de construção, usos etc. Sobre suas denominações, esclarece ainda Lynch (2001, p. 76), semelhantemente aos geógrafos, que “os nomes dos bairros também ajudam a conferir-lhes identidade, mesmo quando a unidade temática não estabelece um contraste eloquente com outras partes da cidade”.

Do ponto de vista da Antropologia, importa mencionar o estudo introdutório de Gilberto Velho (1973) a propósito dos *white-collars* de Copacabana no livro *A utopia urbana*. O antropólogo analisa o bairro da capital fluminense resgatando noções clássicas da geografia urbana, no que concerne a individualidade do bairro resultante de quatro especificidades essenciais: as funcionais, fisionômicas (paisagísticas), históricas (processo de ocupação e evolução urbana), e fisiográficas (relação disto com o meio natural). Conseqüentemente, não há um aprofundamento conceitual, mostrando-se incipiente na escala do bairro, sobretudo quando se constata as atenções da análise centradas num estrato social particular e num prédio específico (Edifício Estrela).

Em contrapartida, em *Quando a rua vira casa*, coordenados por Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1985), outros antropólogos e arquitetos avançam na interpretação do bairro ao se aproximar de questões relativas à construção social de identidades no centro do Catumbi, na cidade do Rio de Janeiro. Aí, mesmo não dando uma definição para bairro, os autores destacam um conjunto de ideias aproveitáveis (desenhos, fotografias e mapas mentais) para se pensar a célula urbana em toda a sua complexidade, passando a privilegiar a subjetividade e a intersubjetividade, relacionado-as à objetividade das formas espaciais e da dinâmica urbana, no âmbito de uma forte sensibilidade para com os aspectos culturais vivenciados nas áreas de contatos mais amiúdes.

Ancorado nesses postulados e nos escritos desenvolvidos por Yi-Fu Tuan a respeito da noção de lugar, Marcelo Lopes Souza (1989) após a retomada de trabalhos sobre bairro na geografia, apresenta uma proposta de conceituação holística para o fragmento urbano, ao mencionar que “[...] qualquer bairro, é simultaneamente uma realidade objetiva e subjetiva/intersubjetiva, e estas duas dimensões interpenetram-se e condicionam-se uma à outra ao longo do processo histórico” (Souza, 1989, p. 148). Mais adiante acrescenta que “o bairro pertence àquela categoria de “pedaços da realidade social” que possuem *identidade* mais ou menos inconfundível para todo um coletivo” (Souza, 1989, p. 149), tendo uma personalidade intersubjetivamente aceita pelos moradores da cidade, ainda que com variações de percepção.

Quanto à análise dessa identidade, Souza (1989) adverte ser imprescindível a interação entre as duas dimensões da unidade social, sem a qual o bairro torna-se uma realidade “coisificada” (o bairro como uma individualidade objetiva de formas espaciais e funções, historicamente forjadas na ação das “leis gerais da sociedade” e acima das subjetividades) ou então “fantasmagorizada” (o bairro é um espaço vivido por um coletivo, mas a realidade socioespacial que existe objetivamente, fora da mente de cada um, não é examinada seriamente e criticada).

Cientes destes pressupostos analíticos, nos dois últimos decênios emerge uma expressiva literatura sobre o bairro no Brasil, ancorada, especialmente, em duas vertentes teórico-metodológicas da geografia, a humanista-cultural e a marxista-lefebvreana, subjacentes ao movimento de renovação do pensamento da ciência.

Vertentes de análise do bairro: a humanista-cultural e marxista-lefebvreana

Os dois últimos decênios marcam uma nova etapa na investigação do bairro no Brasil. Neste instante, destacam-se os estudos desenvolvidos pelo geógrafo Angelo Serpa (2007), que vem se aventurando a analisar a identidade de bairro nas áreas periféricas da cidade de Salvador, na Bahia. Serpa vincula o bairro à concepção de lugar, estabelecendo uma proximidade conceitual com a geografia humanística e da percepção no descortinamento das múltiplas práticas sociais engendradas no interior das unidades estudadas, e também na aplicabilidade de novas metodologias de abordagem do espaço vivido nas políticas público-participativas da capital baiana.

De modo geral, os procedimentos analíticos do autor se assentam nas técnicas de campo elaboradas por Lynch (2001), com a identificação dos referenciais arquitetônicos, dos percursos, limites etc., e nas noções de intersubjetividade e transubjetividade utilizadas nas representações mentais dos moradores. Assim, entendendo o bairro como um construto mental constituído por diversas redes sociais, Serpa explicita a compreensão e a identidade do espaço social através de representações individuais dos moradores, agrupando-as em redes diferenciadas até a formação de uma imagem coletiva “síntese” do lugar.

Outrossim, destacam-se as leituras empreendidas no desvendamento das diversas partes que representam a cidade, e com elas o bairro. Especialmente quando se observa na literatura humanista cultural a associação da categoria espacial ao conceito de lugar, na condição de realidade material apropriável para experiência existencial no mundo vivido. Destarte, o bairro é entendido como um lugar de vivência íntima, demarcado e consagrado afetivamente por seus moradores em profundas e duradouras relações de familiaridade, vizinhança e compadrio. É ainda evocado como portador de identidade própria, resultante de uma fisionomia particular e de uma convivência social específica.

Essa concepção de bairro pode ser reforçada e ampliada a partir das formulações de Mello (1991, p. 62), que o entende como “lugar vivido por excelência, percorrido com segurança, onde muitos se conhecem e, portanto se familiarizam [...] o bairro o qual se habita não é conhecido em sua totalidade”, mas:

[...] os laços de afinidade são muito expressivos nesses centros de significância, onde não há tabuletas indicando a sua designação. Mas a experiência repetida dos homens, transformada em fraternidade, identifica ou traça os limites de seu território. Os administradores estabelecem fronteiras rígidas para os bairros. Entretanto, para os moradores do lugar a demarcação é tênue e não muito rígida, podendo variar para lhes conceder status, por exemplo (Mello, 1991, p. 62).

Percebe-se, assim, a carga simbólica e subjetiva que o fragmento urbano encerra em si na geografia humanística, sendo entendido como uma porção do espaço caracterizado pelas sociabilidades engendradas no seu interior e pelas particularidades que o individualiza. Outro aspecto diz respeito à não coincidência entre os limites preestabelecidos pelo poder público e aqueles delimitados e tomados como verdadeiro pelo senso comum.

A propósito dessa realidade, Serpa (2007) sugere como procedimento teórico-metodológico a superação da rígida dicotomia centro *versus* periferia, relativizando-a a partir da instrumentalização do conceito de bairro como espaço vivido e sentido. Pois, conforme ressalta o autor, os recortes espaciais priorizados pelos órgãos municipais se mostram “grandes demais para despertar empatia como “espaços vividos” pela população, como “lugar””. Essas divisões acabam por esconder o sentimento de pertencimento ao bairro, tido como “espaço das práticas cotidianas e aparentemente banais” (Serpa, 2007, p. 10) dos seus usuários.

Certo da magnitude desse pensamento e apoiando-se nas concepções desenvolvidas por Edward Relph e Marc-Augé sobre espaço vivido, Serpa (2007, p. 11) vincula o bairro ao conceito de lugar, o que implica enxergá-lo como um sistema particular de relações, “já que o lugar é mais que a soma de objetos ou uma localização [...] e exprime a experiência e o envolvimento com o mundo”. O bairro, segundo o autor, “é sempre identitário, relacional e histórico [...] uma “fonte de autoconhecimento e responsabilidade social” (Serpa, 2007, p. 11).

Na ordem do dia, os dois últimos autores citados (Mello e Serpa) se constituem nas maiores representatividades do estudo do bairro na geografia humanista no Brasil.⁶ São responsáveis por mais de duas dezenas de orientações reservadas à apreensão da célula urbana na perspectiva da metrópole. João Baptista Ferreira de Mello analisa os bairros na cidade do Rio de Janeiro à luz de métodos pioneiros concernentes à individualidade do fragmento urbano. Sempre considerando leituras mais atuais subjacentes ao universo vivido do conceito de lugar. Por sua vez, Serpa apreende e discute os bairros periféricos no planejamento urbano da cidade de Salvador através da aplicação de mapas cognitivos, mais associados a técnicas de investigação da geografia da percepção e do comportamento (Quadro 3).

⁶ Nesse viés analítico, vale lembrar também o estudo monográfico de Paula (2007), que discute o bairro em três perspectivas: o fenômeno vivido do lugar, o bairro e suas territorialidades e o sítio e a situação do Bosque, na cidade de Campinas, interior do estado de São Paulo.

Quadro 3

Alguns estudos sobre bairro na geografia humanista-cultural no Brasil (1991-2010)

ano	autor	trabalho	área de conhecimento
2000	F. Angeoletto (autor) Angelo Serpa (orientador)	Pirajá: um bairro e um parque – a vegetação como fator de aumento da biodiversidade e da qualidade de vida nos biomas urbanos (mestrado – UFBA)	geografia
2001	A. S. Garcia (autor) Angelo Serpa (orientador)	As mulheres da cidade D'Oxum: relações de gênero, raça e classe e organização espacial do movimento de bairro em Salvador (mestrado – UFBA)	geografia
2002	S. S. Coelho (autor) Angelo Serpa (orientador)	A percepção do bairro através dos diferentes modos de transporte (graduação – UFBA)	geografia
2006	F. Silva de Souza (autor) Angelo Serpa (orientador)	Caracterização e apropriação social de três espaços públicos centrais, em bairros populares de Salvador (graduação – UFBA)	geografia
1998	L. B. Bandeira (autor) João Baptista F. de Mello (orientador)	Mallet: um bairro eleito e demarcado afetivamente (UERJ)	especialização em políticas territoriais no estado do Rio de Janeiro
1999	V. O. Tostes (autor) João Baptista F. de Mello (orientador)	Bangu: o nome do lugar (graduação – UERJ)	geografia
1999	C. Henrique Gomes (autor) João Baptista F. de Mello (orientador)	Onde brota o mel... E fonte de onde brotaram tantos bairros da zona norte (graduação – UERJ)	geografia
2000	M. S. A. de Brito (autor) João Baptista F. de Mello (orientador)	Bento Ribeiro: perfil de um bairro: fragmentos do passado e da atualidade (graduação – UERJ)	geografia
2005	M. V. Lima e Silva (autor) João Baptista F. de Mello (orientador)	Desconstruindo e descortinando símbolos na Cidade de Deus (graduação – UERJ)	geografia
2010	A. M. Pizotti (autor) João Baptista F. de Mello (orientador)	Mangueira: um simbólico lugar forjado no ritmo do samba e no passo de seus desfilantes (graduação – UERJ)	geografia

fonte: Pesquisa direta.
organização: Bruno Maia Halley.

Além desses dois autores, é importante destacar uma terceira perspectiva de análise do bairro na geografia brasileira, no Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo,⁷ pelas professoras Amélia Luisa Damiani, Margarida Maria de Andrade, Odette Carvalho de Lima Seabra e Ana Fani Alessandri Carlos. Nos estudos empreendidos por esse grupo e seus orientandos, é evidente a influência dos postulados desenvolvidos pelo filósofo francês Henri Lefebvre, centrados sobretudo no livro *De lo rural a lo urbano* (1968), que discute o *bairro e a vida de bairro* na organização da sociedade urbana.

Mesmo não se enquadrando na perspectiva humanista, e sim numa vertente geográfica denominada por Maurício de Abreu *marxista-lefebvreana*, Carlos (1996) aproxima a noção de bairro a uma perspectiva fenomenológica de lugar, partindo do entendimento que o indivíduo embora morador da metrópole não a vivência em sua totalidade, vive apenas fragmentos deste espaço. O que claramente corresponde ao “lugar – porção do espaço apropriável a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos dos seus moradores” (Carlos, 1996, p. 20). Podendo ser a rua, a praça, o bairro... Este compreende um:

[...] espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas – as relações de vizinhança, o ir as compras, o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar” (Carlos, 1996, p. 21).

Ancorada nessa concepção, Regina Celly Nogueira da Silva (1999, p. 12) analisou o bairro da Torre na cidade de João Pessoa como um “lugar de grandes potencialidades; um espaço complexo, imbuído de variadas significações conferidas pela própria dialética do cotidiano”. A referência que o usuário tem de pertencimento ao lugar; seu ponto de partida e chegada para construção de relações, às vezes duradouras e profundas, estabelecidas em momentos de alegrias, realizações, dificuldades e frustrações.

Também Scarlato (1988), na sua tese de doutoramento sobre o real e o imaginário no Bexiga (São Paulo), evocou o bairro como categoria de análise, afirmando que a opção pelo estudo desse fragmento urbano conduz uma maior problemática do que a simples escolha de um território com limites administrativos. Pois, o bairro resulta de um somatório de relações sociais que passam pela consciência histórica de pertencerem a uma localidade:

[...] cujos limites podem ser definidos pelo grau de relações entre as pessoas ao viverem um mesmo cotidiano, problemas de rua ou quarteirão, cria um clima de “cumplicidade” para viver ou encontrar saída para os mesmos. O bairro pode ser encarado portanto, como lugar onde as relações de vizinhança se encontram mais bem configuradas (Scarlato, 1988, p. 178).

Assim, para o autor, o bairro constitui uma unidade espacial muito significativa para a compreensão das transformações de uma cidade ou da sociedade como um todo. Unidade menor onde se realiza com intensidade a vida cotidiana da população urbana, é ain-

7 A exemplo dos trabalhos de Andrade (1991), Oliveira (1995), Nogueira da Silva (1999), Hiakuna (2001), Ramos (2001), Duarte (2001) e Seabra (2003).

da o lugar onde se manifesta importantes movimentos sociais urbanos (Scarlatto, 1988). Aqui, cabe ressaltar que essa perspectiva referente aos movimentos sociais, fora aprofundada por Souza (1988) na sua análise sobre o ativismo de bairro, partindo de uma abordagem política e do seu entendimento como lócus organizacional das práticas sociais e das lutas dos seus usuários. Avançando, dessa maneira, na construção de um arcabouço teórico-conceitual para realidade dos bairros, Souza (1989, p. 156) conceitua essas células urbanas como “lugares, ou seja, espaços internalizados mentalmente pelos indivíduos de uma coletividade, que os têm como espaços vividos e sentidos”.

No entanto, o mesmo Souza (1989) mostra que, por mais que encerre unidade de composição material e social, se não desperta o menor afeto, a menor empatia ou simplesmente um referencial para o cotidiano, um bairro não é um bairro. Mas tão somente uma parcela da cidade particularizada por este ou aquele critério. O autor ainda comenta, no bojo da variável vivência do espaço entre os cidadãos, que existem certas situações onde o bairro é uma realidade pouco significativa para a maioria das pessoas nele residentes. Configurando-se dessa forma numa mera orientação geográfica, normalmente lembrada como complemento do endereço domiciliar dos seus moradores.

Contudo, já afirmara Tuan (1983, p. 189) que “a rua onde se mora é parte da experiência íntima de cada um, mas a unidade maior, o ‘bairro’, é um conceito”. Não se estende automaticamente a todo o bairro o que se sente pela rua. O conceito depende da experiência, mas não é uma consequência inevitável dela, já que o bairro só adquire visibilidade e se torna um *lugar* por um esforço da mente (Tuan, 1983). Assim, para o autor, o bairro pode ser deduzido e esclarecido por meio de indagações, dirigidas inicialmente ao concreto e depois ao mais abstrato (o que é ou constitui o *meu* bairro? o que é *nosso* bairro? o que é o bairro?). Logo, “o bairro inteiro torna-se lugar”, mas um:

[...] lugar conceitual e [que] não envolve emoções. As emoções começam a dar cor ao bairro inteiro – recorrendo e extrapolando da experiência direta de cada umas de suas partes – quando se percebe que o bairro tem rivais e que está ameaçado de alguma maneira, real ou imaginária. Assim, o sentimento afetuoso que se tem por uma esquina expande-se para incluir a área maior (Tuan, 1983, p. 189).⁸

Em outras palavras, é a partir da diferença, da alteridade, do reconhecimento, enfim do despertar identitário face às outras unidades urbanas que se processa a transformação do bairro em lugar. Nesse sentido, a identidade do bairro pode emergir tanto de fortes fatores individualizantes (estrato social, amenidades locais, arquitetura secular etc.) quanto por sintoma de reação a pequenas ou grandes interferências na vida cotidiana do morador, como a demolição de algum imóvel simbólico ou mesmo o risco de desocupação do lugar em razão de um processo de reurbanização.⁹

8 A noção de bairro defendida por Tuan em *Topofilia* (1980) baseia-se no estudo de caso desenvolvido pelo pesquisador Herbert Gans sobre os bairros de *West End* e *Beacon Hill*, na cidade estadunidense de *Boston*.

9 Essas situações engendradas no interior do bairro respaldam a afirmativa de Relph (1976) de que o lugar só adquire identidade e significado pela intenção humana e pela relação entre essa intenção e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas.

Considerações finais

Assim, são evidentes as inúmeras possibilidades de se pensar o bairro na perspectiva da cidade. Outrora, as primeiras discussões limitavam-se à constatação superficial da “alma própria” de determinado bairro, enfatizando a relação do meio físico (sítio) com a evolução da ocupação humana. Todavia, com a emergência de outros estudos a partir dos anos 1960, as questões relativas à unidade tomam novo impulso, ultrapassando as descrições formais, ainda que compreensivas, para apreender a personalidade intersubjetiva do bairro frente à complexidade da vida cotidiana na metrópole.

Consequentemente, trilha-se a percepção de bairro preconizada por Tuan (1983), e não só eventualmente, mas ao longo de um processo histórico de envolvimento do indivíduo com o bairro, entendido aqui como um espaço de expressiva magnitude, caracterizado por uma trama de relações constituída por um conjunto de enredos particulares sobre os quais se assenta o conteúdo concreto da vida. Isso constrói o cotidiano e a personalidade do bairro, sobretudo em seu coração simbólico, que concentra diferentes aspectos da unidade (paisagem, ocupação histórica, convivência social, sentimento de pertencimento, o nome do lugar etc.) que, associados, acabam denotando um “gênio” ao bairro no contexto de uma cidade.

Referências

- ANDRADE, M. M. *Bairros além-Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Mooca e Belenzinho*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- ANGEOLETTO, F. *Pirajá: um bairro e um parque – a vegetação como fator de aumento da biodiversidade e da qualidade de vida nos biomas urbanos*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.
- BANDEIRA, L. B. *Mallet: um bairro eleito e demarcado afetivamente*. Monografia (Especialização em Políticas Territoriais no Estado do Rio de Janeiro) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- BARROS, S. A. L. *O que são bairros: limites político-administrativo ou lugares urbanos da cidade? O caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife*. Recife: Livro Rápido, 2004.
- BERNARDES, N. *Vale do Paraíba, serra da Mantiqueira e arredores de São Paulo*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1958.
- BIAJOTI, R. L. *Uma vila paulistana: Vila Palmeira*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.
- BRITO, M. S. A. *Bento Ribeiro – perfil de um bairro: fragmentos do passado e da atualidade*. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

- CANNABRAVA, A. Primeiras notas para um estudo acerca dos bairros no estado de São Paulo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, IX., 1941, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação de Geógrafos do Brasil, 1941. v. 3. p. 650-652.
- CARLOS, A. F. A. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmento da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CORRÊA DA SILVA, A. *A metrópole ampliada e o bairro metropolitano - o caso de São Paulo: o bairro da Consolação*. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.
- COELHO, S. S. *A percepção do bairro através dos diferentes modos de transporte*. Monografia (Graduação em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
- DUARTE, C. R. *Estilhaços da experiência urbana moderna – dois bairros na metrópole de São Paulo: Tatuapé e Vila Aimoré*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- FERNANDES, L. L. *Bairros rurais do município de Limeira: estudo geográfico*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.
- _____. *O bairro rural dos Pires: estudo de geografia agrária*. São Paulo: Instituto de Geografia, 1971.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- FERREIRA DOS SANTOS, C. N. *A cidade como um jogo de cartas*. Niterói: Eduff, 1988.
- _____; VOGEL, A. *Quando a rua vira casa*. Rio de Janeiro: Ibm, 1985.
- GARCIA, A. S. *As mulheres da cidade D'Oxum: relações de gênero, raça e classe e organização espacial do movimento de bairro em Salvador*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- GEORGE, P. *Geografia urbana*. São Paulo: Difel, 1983.
- HENRIQUE GOMES, C. *Onde brota o mel... E fonte de onde brotaram tantos bairros da zona norte*. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- HIAKUNA, J. C. *O bairro do Brás: o espaço do comércio ambulante*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- JOSÉ DE SOUZA, B. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

- LECOCQ-MÜLLER, N. Bairros rurais no município de Piracicaba. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 43, p. 83-130, jul. 1966.
- _____. *Tipos de sítio em algumas regiões do estado de São Paulo*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1946.
- LIMA E SILVA, M. V. *Desconstruindo e descortinando símbolos na Cidade de Deus*. Monografia (Graduação em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MARTIN, A. R. *O bairro do Brás e a deterioração urbana*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.
- MELLO, J. B. F. *O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira – 1928/1991: uma introdução à geografia humanística*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.
- MENDES, R. S. Os bairros da zona norte e os bairros orientais. In: AZEVEDO, A. (Org.). *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. v. 3. p. 183-255.
- NOGUEIRA DA SILVA, R. C. *As singularidades do bairro na realização da cidade: um estudo sobre as transformações na paisagem urbana do bairro da Torre na cidade de João Pessoa-PB*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- OLIVEIRA, R. M. *Perdizes: um momento do imenso movimento do mundo*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- PAULA, F. C. *Geografia de bairro: territórios vividos e experiência urbana no bairro do Bosque*. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- PETRONE, P. A região de São Luiz do Paraitinga. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 239-336, jul./set. 1959.
- PIZOTTI, A. M. *Mangueira: um simbólico lugar forjado no ritmo do samba e no passo de seus desfilantes*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- QUEIROZ, M. I. P. *Bairros rurais paulistas: dinâmica das relações bairro rural-cidade*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.
- _____. Bairros rurais paulistas: estudo sociológico. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, n. 17, p. 63-210, 1967.

- RAMOS, A. W. Fragmentação do espaço da/na cidade de São Paulo: espacialidades diversas do bairro de Água Branca. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- RELPH, E. *Place and placelessness*. London: Pion, 1976.
- SANTOS, C. N. F.; VOGEL, A. *Quando a rua vira casa*. Rio de Janeiro: Finep/Ibam, 1985.
- SCARLATO, F. C. O real e o imaginário no Bexiga: autofagia e renovação urbana no bairro. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.
- SCHMIDT, C. B. *A vida rural no Brasil: a área de Paraitinga, uma amostra representativa*. São Paulo: Secretária da Agricultura, 1951.
- SEABRA, O. C. L. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do bairro do Limão*. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- _____. Urbanização: bairro e vida de bairro. *Travessia – Revista do Migrante*, São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, ano XIII, n. 38, p. 11-17, 2000.
- SERPA, A. *Cidade popular: trama de relações socioespaciais*. Salvador: Edufba, 2007.
- SILVA, A. C. *A metrópole ampliada e o bairro metropolitano, o caso de São Paulo: o bairro da Consolação*. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.
- SILVA DE SOUZA, F. *Caracterização e apropriação social de três espaços públicos centrais em bairros populares de Salvador*. Monografia (Graduação em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- SOARES, M. T. S. O conceito de bairro e sua exemplificação na cidade do Rio de Janeiro. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, ano X, n. ¾, p. 46-68, 1958.
- SOUSA, A. C. *Os parceiros do rio bonito*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- SOUZA, M. L. O bairro contemporâneo: ensaios e abordagem política. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 139-172, abr./jun. 1989.
- _____. *O que pode o ativismo de bairro: reflexão sobre as limitações e potencialidades do ativismo de bairro à luz de um pensamento autonomista*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.
- VELHO, G. *A utopia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- TOSTES, V. O. *Bangu: o nome do lugar*. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- TUAN, Y.-F. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983.
- _____. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difusão, 1980.